

## DIFERENÇA: EXTERIOR CONSTITUTIVO DE IDENTIDADES

Carolina Cunha Reedijk<sup>1</sup>

**RESUMO:** Baseado no arcabouço teórico da Análise do Discurso de linha francesa, o presente artigo busca traçar uma breve proposta de análise de discursos presentes no conto *Terça-feira gorda*, de Caio Fernando Abreu, que foi publicado em 1982 no livro intitulado *Morangos Mofados*, com o objetivo de detectar a presença da diferença, do outro (Outro), de destacar a diferença como sendo o exterior que constitui a identidade e de evidenciar que a subjetividade dos sujeitos aponta para a coletividade, para o social, para a História.

**Palavras-chave:** sexualidade; identidade; diferença.

### Difference: constitutive of identities

**ABSTRACT:** Based on the Discourse Analysis of French line, this article presents a brief analysis of discourses that are in the short story *Terça-feira gorda* published in 1982 by Caio Fernando Abreu in the book called *Morangos Mofados*. This research aims at detecting the presence of the difference, of the other (Other) on the discourses, indicating the difference as the exterior that constitutes the identity and showing that the subjects' subjectivity points to the collectivity, to the social and to History.

**Key-words:** sexuality; identity; difference.

## 1 PALAVRAS INICIAIS

A sexualidade é uma temática que vem sendo abordada por diferentes áreas do conhecimento. Diferentes discursos foram e estão sendo construídos em relação a essa temática. Da medicina à religião, da antropologia à psicologia, a sexualidade é um elemento recorrente. Por meio da sexualidade o ser humano é visualizado de várias maneiras, é separado entre gêneros. A classificação dos gêneros acarreta uma classificação da identidade, ou seja, a sexualidade é um elemento que está intrinsecamente relacionado à identidade, à maneira de ser e de fazer de um indivíduo. A sexualidade faz parte do plano biológico e dos planos cultural, histórico e ideológico.

A figura da mulher e a figura do homem, por exemplo, são criadas exatamente por causa da sexualidade. No entanto, a conceituação de gênero varia de época para época, de cultura para cultura. O que faz parte da identidade feminina no século XXI não fez no século

---

<sup>1</sup> Professora no Centro Universitário de Patos de Minas- UNIPAM. Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). MG, Brasil. carol@unipam.edu.br

XIX. Características que constituem a identidade masculina variam de um momento histórico para outro, de uma sociedade para outra. A identidade de gênero e sexual são construções sociais e ideológicas impostas e cobradas pela sociedade. Há um modelo a ser seguido. No entanto, o que vale ressaltar é que esse modelo varia, muda. Ele está em constante transformação uma vez que a história e a ideologia fazem parte de sua constituição. Como a história e a ideologia apresentam mudanças, os modelos, as normas, as regras também o fazem.

A heterossexualidade é o modelo de sexualidade considerado padrão, é o modelo socialmente privilegiado nos dias atuais. No entanto, grandes deslocamentos e mudanças aconteceram e estão acontecendo. Outras formas de sexualidade, como a homossexualidade e a bissexualidade, passaram a ser vistas de maneiras diferentes. Novas significações foram e estão sendo construídas em relação à sexualidade e, em consequência, novas identidades estão surgindo. Como pontuam Hall (2003), Woodward (2003) e Silva (2003), a identidade não é fechada, pronta, plena: ela é, ao contrário, um constante processo em andamento, em construção. A identidade é múltipla, plural, movente. Tal questão é vista como sendo deslocamento, transformação e construção. Segundo Woodward (2003, p. 38), as identidades são produzidas em momentos particulares no tempo (...) as identidades são contingentes emergindo em momentos históricos particulares.

Assim como a identidade, a diferença também é construção, é deslocamento e transformação. Tanto a identidade quanto a diferença são construtos sociais e culturais. Segundo Silva (2003), esses elementos são interdependentes e de natureza social e cultural. Eles não são questões do mundo natural ou transcendental.

A diferença é o elemento que separa identidades evidenciando suas distinções. A diferença constitui a identidade, uma vez que destaca o que esta é e também o que não é. A diferença, como postula Hall (2003), é o exterior que constitui a identidade. A identidade é construída por meio daquilo que ela é e daquilo que não é (a diferença). Temos aqui a ideia de que a mesmidade (ou a identidade) porta sempre traço da outridade (ou da diferença) (WOODWARD, 2003, p. 79). A identidade, pois, depende da diferença.

Outro ponto essencial a ser destacado, quando o assunto é identidade, é a busca por uma delimitação de fronteiras entre as diferentes identidades. A delimitação de tais fronteiras se dá por meio da separação entre nós (o que somos) e eles (o que não somos), ou seja, há uma oposição dos lados. Nessa oposição, nessa distinção, nessa separação entre nós e eles, há a questão das relações de poder. Os pronomes nós e eles não são, aqui,

simples categorias gramaticais, mas evidentes indicadores de posições-de-sujeito fortemente marcadas por relações de poder<sup>o</sup> (SILVA, 2003, p. 82). A separação e a distinção entre as diferentes identidades normalmente ocorrem por meio de oposições binárias, por meio de uma divisão dicotômica entre dois mundos distintos (masculino/feminino, branco/negro, heterossexual/homossexual). Silva (2003, p. 83), destaca que õas oposições binárias não expressam uma simples divisão do mundo em duas classes simétricas binárias: em uma oposição binária, um dos termos é sempre privilegiado, recebendo um valor positivo, enquanto o outro recebe uma carga negativa<sup>o</sup>. No processo de construção de oposições binárias, tem-se a classificação e, ao se classificar, hierarquiza-se, destaca-se um lado em detrimento de outro.

Levando em consideração o exposto, o presente artigo<sup>2</sup>, baseado no arcabouço teórico da Análise do Discurso de linha francesa (doravante AD), aborda uma forma de sexualidade que não é considerada padrão: a homossexualidade. A partir do conto *Terça-feira gorda*, do escritor Caio Fernando Abreu, a temática da homossexualidade é analisada. O espaço ficcional escolhido como *corpus* traz à tona a temática da homossexualidade em diferentes discursos. No conto em foco, a questão da homossexualidade é materializada tanto por sujeitos homossexuais quanto por heterossexuais. Há, nesse espaço discursivo, a presença de diferentes vozes acerca de uma mesma temática. A análise das vozes aponta para a diversidade, para a heterogeneidade e aponta também para o embate, para o conflito e para o deslocamento. Eis um espaço que evidencia a produção de sentidos e fortifica a ideia de que o sentido não é imanente, transparente, nem eterno. O sentido revela a diferença, a diversidade. Não há sentido fixo, inalterável. O sentido revela diferentes maneiras de se abordar uma questão social. Uma mesma palavra, proferida por diferentes sujeitos em um mesmo espaço discursivo, pode apresentar sentidos distintos, uma vez que os sentidos são formados a partir do lugar onde o sujeito se encontra. O sentido é determinado pelas posições ideológicas daqueles que enunciam uma dada palavra, ou seja, o sentido está interligado à questão do sujeito e também do lugar de onde ele fala.

Diante da opacidade dos sentidos, esta pesquisa objetiva analisar diferentes discursos, com o intuito de detectar a presença da diferença, do outro (Outro<sup>3</sup>), de destacar a diferença como sendo o exterior que constitui a identidade, e de evidenciar que a

---

<sup>2</sup> O presente artigo foi escrito com base em ideias presentes em minha dissertação de mestrado.

<sup>3</sup> Neste momento, a palavra outro está se referindo à presença linguisticamente visível de vozes no discurso de um sujeito, e Outro, à presença do inconsciente nos discursos, à presença do que não é perceptível linguisticamente, pois se encontra no social, no histórico, no ideológico e no inconsciente.

subjetividade dos sujeitos aponta para a coletividade, para o social. Como a temática da homossexualidade é trazida por diferentes sujeitos, é possível perceber que a identidade é construída em um espaço de embate, de heterogeneidade, em um espaço que apresenta a tensão e o conflito e que evidencia o processo constante de construção da identidade.

Apresentada a temática de estudo e destacados os objetivos, traçamos algumas linhas que explicitam o porquê da escolha do *corpus* literário.

## 2 A LITERATURA, O ESCRITOR E A AD

Ao longo da história da humanidade, a homossexualidade foi vista e significada de inúmeras formas. Desde a antiguidade, a literatura materializa as relações entre o mesmo sexo. As obras literárias de diferentes culturas revelam muito sobre as várias concepções acerca dessa temática.

Na literatura brasileira não é diferente. De acordo com Carvalho (2003), a temática homossexual vem sendo abordada de uma forma sistemática, na literatura brasileira, desde o final do século XIX. Desde então, tal temática vem sendo materializada de inúmeras formas, com várias nuances. A pluralidade e a diversidade acontecem pelas particularidades e peculiaridades de cada momento histórico, de cada contexto retratado. Carvalho (2003), ao discutir sobre a presença da temática homossexual na literatura brasileira, destaca que até a década de 1960 não havia um projeto político nem uma luta pelos direitos e pela liberdade dos homossexuais. Não havia o propósito político de dar voz aos homossexuais. A construção desse projeto aconteceu por volta da década de 1970. Nesse período, o homossexual começou a ter voz, começou a materializar seu discurso acerca de sua sexualidade. Vozes excluídas e oprimidas começaram a circular e a gerar mudanças sociais e culturais. Os homossexuais e simpatizantes deram início a uma luta social: luta que busca o direito à diferença.

Caio Fernando Abreu fez parte da construção desse projeto político. Caio conheceu diferentes facetas de um mesmo país: um país autoritário, repleto de censuras e um país que buscava restaurar a democracia, o direito de expressão e o de escolha. Tal escritor traz em suas produções questões relativas ao contexto histórico e ideológico em que viveu, ou seja, os escritos de Caio apresentam a influência dos acontecimentos de um período histórico no momento da produção, da escrita. "Terça-feira gorda", por exemplo, foi publicado em 1982.

O escritor<sup>4</sup> traz no corpo do conto em foco, de maneira implícita e/ou explícita, problemáticas relacionadas a esse contexto social, histórico e ideológico. O escritor, assim como sua produção literária, aponta para questões relativas a um determinado momento histórico, questões que podem ser apreendidas e analisadas.

Em relação à literatura, podemos dizer que é uma produção conceituada de diversas maneiras. Não há uma homogeneidade em relação ao conceito de literatura. No entanto, há elementos que são recorrentes quando a questão é a produção literária. A literatura é construída por meio de uma linguagem reveladora e fascinante; ela está inserida no mundo, se inscreve em um espaço sócio-histórico-cultural determinado e traz em si questões sociais. A arte da palavra porta ideologias a partir das quais revela valores, crenças e costumes de uma determinada época e sociedade. A produção literária, sendo considerada uma produção cultural, dialoga com a História, com a exterioridade.

Segundo Bakhtin (1997, p. 362), a literatura é uma parte inalienável da cultura, sendo impossível compreendê-la fora do contexto global da cultura numa dada época. Ao abordar o texto literário, buscamos a exterioridade, as condições de produção dos discursos, o contexto social, histórico e ideológico. E, assim como Bakhtin, a AD enfatiza a importância do período histórico e cultural no qual uma obra é produzida. No entanto, devemos salientar que não temos a intenção de encerrar a análise literária em sua época, pois as obras rompem as fronteiras de seu tempo, vivem nos séculos, ou seja, na grande temporalidade (BAKHTIN, 1997, p. 364).

Sabemos que a literatura utiliza mecanismos peculiares para discutir questões sociais, históricas e ideológicas. Pelo viés da AD, a produção literária tem como propósito apontar o diálogo existente entre tal produção e a História, a coletividade. A literatura, para a AD, é permeada por uma memória discursiva e é também constituída pela exterioridade. Mesmo partindo de realidades artístico-literárias, questões relacionadas ao sujeito, sua constituição marcada pela polifonia, sua integração a lugares sociais, históricos e ideologicamente marcados podem ser abordadas e analisadas. A literatura é vista como um objeto que possibilita uma infinidade de análises, uma vez que a heterogeneidade e o exterior linguístico fazem parte de sua constituição.

### 3 CONSIDERAÇÕES ACERCA DO DISCURSO E DO SUJEITO

---

<sup>4</sup> Levando em consideração o engajamento em movimentos sociais de Caio Fernando Abreu, percebemos que *Morangos Mofados* traz em seu corpo questões que se referem à década de 1970 e à de 1980.

Neste momento, apresentamos algumas considerações teóricas acerca dos conceitos de discurso e de sujeito com o objetivo de contribuir para a produção de sentido quando tais elementos forem mencionados.

A AD é um campo do conhecimento da linguagem que tem como objeto de investigação o discurso. Para se compreender o conceito de discurso na AD é necessário romper com concepções advindas do senso comum, que integram nosso cotidiano, e procurar compreendê-lo respaldados em acepções teóricas relacionadas a métodos e análise (FERNANDES, 2005, p. 20). Para a AD, discurso não é língua, não é texto, não é fala. Tal conceito é entendido como a materialização do processo enunciativo, cuja materialidade exhibe a articulação da língua com a História (GREGOLIN, 2000b, p. 19).

Para Foucault (2000), a questão colocada pela análise da língua é diferente daquela colocada pela análise do discurso. A questão posta pela descrição do discurso envolve o histórico, as condições de produção, enquanto a colocada pela língua envolve as regras do enunciado. A questão da contradição é trazida por Foucault no instante da análise do discurso. A contradição funciona como princípio da historicidade do discurso. Esse elemento, de acordo com Foucault (1995b), é considerado como sendo um princípio organizador longe de ser aparência ou acidente do discurso, longe de ser aquilo de que é preciso libertá-lo para que ele libere, enfim, sua verdade aberta (FOUCAULT, 1995b, p. 173). A contradição constitui a própria lei da existência do discurso.

Para Pêcheux (1990), as filiações sociais e históricas são atravessadas pelas determinações inconscientes; são afetadas por outras filiações. Há nos discursos a presença do Outro, ou seja, a presença daquilo que não é perceptível linguisticamente e, sim, no exterior linguístico, no social, no histórico, no ideológico e no inconsciente. Há articulações que são feitas consciente e inconscientemente entre as mais diversas posições em que se encontram os sujeitos. O deslocamento surge por meio dessas articulações, ou seja, ao se articularem, as filiações (as posições) se afetam e, ao se afetarem, elas se deslocam.

Segundo Orlandi (1999, p.15), a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é, assim, palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando, e, ao observar o homem falando, percebemos a ideologia se materializando, os vários sentidos se formando. Eis outro ponto de relevância no processo de análise de discursos: a produção de sentidos.

Assim como o discurso, o sujeito é social, histórico, ideológico e inconsciente. O sujeito não é empírico, soberano, dono de suas palavras e do sentido, uma vez que é afetado pelo social, pela história, pela ideologia e pelo inconsciente. O sujeito, nesta concepção, não está fundamentado em uma individualidade, em um *öeuö* individualizado, pois, como já destacado, o sujeito encontra-se no social. A subjetividade do sujeito discursivo aponta para uma coletividade, ou seja, o social e o histórico são elementos constituintes do sujeito: o que não apaga a singularidade dos sujeitos, pois, os sujeitos, em sociedade, resistem.

O sujeito discursivo também é incompleto e dividido; ele não tem controle sobre o que diz e não é fonte do seu discurso. O sujeito é incessantemente afetado por discursos outros, discursos que o contradizem, o negam, mas que o constituem. O sujeito falha por ser afetado pela causa que o determina (o inconsciente). O inconsciente, que se *ömanifestaö* incessantemente e sob mil formas sobre o sujeito (na contradição, no ato falho, no lapso, na denegação, etc.), mostra que o sujeito falha, o sujeito diz o que não percebe dizer, materializa questões que não pretendia materializar. Ele materializa seu discurso por meio de elementos que o contradizem, que o afetam e que indicam o seu infinito processo de constituição. Segundo Indursky (2000, p. 71), o sujeito da AD é duplamente afetado: é afetado *öem* seu funcionamento psíquico, pelo inconsciente, e em seu funcionamento social, pela ideologia.

Assim como na AD, o sujeito em Foucault é histórico; ele traz em si questões vindas do social. O sujeito em Foucault não é visto como origem, como aquele de onde os sentidos surgem. Para Gregolin (2004, p. 101), *öo* propósito da análise foucaultiana é desconstruir a ideia de sujeito origem e fundamento dos sentidos, e, para isso, é preciso se livrar da ideia do sujeito constituinte, a fim de chegar à figura do sujeito imerso na trama histórica. Eis a exterioridade sendo vista como parte constituinte do sujeito.

A ideia das *öpráticas divisorasö*, presente nos postulados de Foucault (1995a) sobre o sujeito, aponta para a tentativa de separar os sujeitos em categorias, em oposições binárias, em blocos que se opõem: o doente e o sadio, o louco e o são, o homossexual e o heterossexual, como se essa separação fosse estanque, sem tensão, sem embate. No processo de construção das *öpráticas divisorasö*, há a resistência. Segundo Revel (2005, p. 74), apresentando os postulados de Foucault, *öa* resistência é a possibilidade de criar espaços de lutas e de agenciar possibilidades de transformação em toda parte. Por intermédio da resistência, os sujeitos produzem discursos acerca daquilo que lhes interessam, acerca de sua própria existência, de sua forma de ver o mundo.

Para finalizar, trazemos algumas considerações de Authier-Revuz. Para essa linguista, o sujeito é heterogêneo, incompleto, atravessado pelo inconsciente. A questão da exterioridade constituinte da linguagem é destacada por Revuz. Para apresentar seus postulados, ela articula o sujeito em Bakhtin e o sujeito em Lacan com o intuito de destacar que o inconsciente integra as questões referentes ao sujeito e ao outro do/no discurso. O sujeito é polifônico e heterogêneo, ou seja, ele traz diferentes valores sociais, diversas crenças, ideologias em sua voz (discurso); ele traz o outro em seu discurso, consciente ou inconscientemente. Eis a noção de um sujeito social, histórico, ideológico e inconsciente; noção que rompe com a ideia do *öeuö*, da subjetividade puramente individualista e que traz a influência da exterioridade (o outro e o Outro<sup>5</sup>) na constituição do sujeito e de seus discursos.

#### 4 PROPOSTA DE ANÁLISE

Levando em consideração o exposto, partimos para a análise do conto *Terça-feira gordaö*, de Caio Fernando Abreu. Buscamos, ao analisar discursos, detectar a presença da diferença, do outro (Outro) com o propósito de mostrar que a diferença é o exterior que constitui a identidade, de destacar que os discursos e a identidade são afetados pela sua diferença e de evidenciar a coletividade nos discursos e na construção de identidades.

O conto *Terça-feira gordaö* relata uma história de intenso desejo entre duas pessoas do mesmo sexo. Tudo se inicia em uma festa de Carnaval: o primeiro olhar, o interesse de um pelo outro, a vontade de se conhecerem. O sujeito discursivo inicia o seu discurso apresentando o interesse que o outro mostrou em relação a ele e, conseqüentemente, o seu próprio desejo em relação ao outro.

De repente ele começou a sambar bonito e veio vindo para mim. Me olhava nos olhos quase sorrindo, uma ruga tensa entre as sobrancelhas, pedindo confirmação. Confirmei, quase sorrindo também, a boca gosmenta de tanta cerveja morna, vodka com coca-cola, uísque nacional, gostos que eu nem identificava mais, passando de mão em mão dentro dos copos de plástico. (ABREU, 1982, p. 50).

---

<sup>5</sup>Estamos diante da questão das heterogeneidades enunciativas presente em Authier-Revuz. Tanto o outro quanto o Outro se inscrevem no discurso do sujeito. O primeiro é encontrado no discurso de uma maneira explícita, linguisticamente visível por meio do uso do discurso direto, indireto, direto livre, das aspas, das citações, etc. Temos, aqui, a heterogeneidade mostrada. Já o segundo não pode ser detectado linguisticamente. Temos, aqui, a heterogeneidade constitutiva; heterogeneidade que está no exterior do linguístico, que está no social, no histórico, no ideológico e no inconsciente.



Depois da confirmação do interesse entre os dois, o sujeito continua seu discurso descrevendo a vestimenta do seu desejado e a maneira como ele dançava.

Usava uma tanga vermelha e branca, Xangô, pensei, Iansã, com purpurina na cara, Oxaguiã segurando a espada no braço levantado, Ogum Beira-Mar sambando bonito e bandido. Um movimento que descia feito onda dos quadris pelas coxas, até os pés, ondulando, então olhava para baixo e o movimento subia outra vez, onda ao contrário, voltando pela cintura até os ombros. Era então que sacudia a cabeça olhando para mim, cada vez mais perto. (ABREU, 1982, p. 50).

Por meio da análise dessa passagem, percebemos que o sujeito traz elementos que indicam sua inscrição na História, elementos que indicam seu lugar discursivo e que mostram sua heterogeneidade. O sujeito discursivo tem alguma relação com o mundo religioso africano e afro-brasileiro (Xangô, Iansã, Oxaguiã, Ogum) e essa relação faz com que tal sujeito traga para seu discurso elementos que fazem parte dessa religiosidade. Ao trazer tais elementos para seu discurso, a questão do social, do histórico e do ideológico vem à tona, ou seja, o sujeito está inserido em um contexto específico e mostra sua inscrição na História através de seu discurso. Estamos diante da questão do dialogismo, da heterogeneidade. Ao trazer elementos religiosos, o sujeito traz um discurso outro, um discurso já existente, o que comprova que o sujeito não é dono de suas palavras.

Ao utilizar as palavras Xangô, Iansã, Oxaguiã e Ogum, o sujeito significa seu objeto de desejo de uma maneira positiva. Chegamos a essa conclusão, partindo tanto do contexto do conto (o interesse entre duas pessoas) quanto dos significados de tais elementos. Ao pesquisarmos o significado das palavras citadas, vislumbramos que o outro é visto como rei, um orixá violento e que luta bravamente; o outro é visto como fortaleza; como aquele que está no controle; é visto, enfim, como um deus. O encantamento do sujeito discursivo pelo outro está posto.

Dando continuidade, o sujeito prossegue seu discurso mostrando sua atração pelo outro e ao analisarmos suas declarações somos remetidos a discursos que circulam na sociedade quando o assunto é a atração, o desejo e até mesmo o afeto e o amor. Geralmente tais discursos fazem referência ao amor entre duas pessoas de sexos diferentes, ou seja, ao amor heterossexual: o que não acontece no espaço discursivo em questão. Estamos diante da problemática da sexualidade. Por meio da análise do discurso do sujeito aqui em foco,

expressões como *o*alma gêmea*o*, *o*amor à primeira vista*o*; *o*é o homem da minha vida*o* ou *o*é a mulher da minha vida*o*; *o*somos feitos um para o outro*o* são detectadas. Tais expressões estão subentendidas, implícitas. Eis a presença do social, do histórico e do ideológico na constituição do sujeito e de sua identidade. Importa mencionarmos que essas expressões trazem uma significação diferente, já que fazem referência não ao amor heterossexual, mas, sim, ao amor homossexual.

Partindo dessa ideia, podemos dizer que o sujeito significa a homossexualidade assim como a heterossexualidade é significada pela sociedade: sem preconceito, de uma maneira *o*normal*o*, natural. O sujeito põe em igualdade o amor homossexual com o amor socialmente considerado padrão e, ao fazer isso, mostra-se afetado tanto pelo Outro (inconsciente) quanto pelo outro (diferença). O sujeito, que é heterogêneo, está sendo constituído pela sua outridade. Quando o sujeito iguala as sexualidades percebemos que ele busca eliminar as delimitações de fronteiras, a separação e a classificação. O sujeito está questionando a maneira como sua sexualidade é vista pela sociedade, está problematizando sua própria sexualidade.

Outra passagem que nos interessa bastante, neste momento analítico, é a proferida pelo sujeito que relata a história após seu primeiro contato físico com o outro sujeito. Vejamos tal passagem.

E não parecia bicha nem nada: apenas um corpo que por acaso era de homem gostando de outro corpo, o meu, que por acaso era de homem também. Eu estendi a mão aberta, passei no rosto dele, falei qualquer coisa. O quê? perguntou. Você é gostoso, eu disse. Eu era apenas um corpo que por acaso era de homem gostando de outro corpo, o dele, que por acaso era de homem também. (ABREU, 1982, p. 51).

A materialização da palavra *o*bicha*o* nos chama a atenção. Por sermos seres sociais, históricos e culturais, sabemos que tal palavra suscita sentidos pejorativos, negativos. *o*Bicha*o* é um homem efeminado, excessivamente delicado, brando, pusilânime. A palavra traz em sua carga semântica uma representação pejorativa do homossexual. *o*Bicha*o* faz parte de discursos que significam a homossexualidade de uma maneira preconceituosa e que indicam discriminação. O sujeito discursivo traz para seu discurso a palavra *o*bicha*o* para negá-la. E, ao negá-la, ele, inconscientemente, significa a homossexualidade assim como a heterossexualidade é significada socialmente: como sendo *o*normal*o*, *o*natural*o*, sem

preconceito. A questão da diferença afetando e constituindo tanto o sujeito quanto sua identidade é percebida e também a presença do Outro (inconsciente) no discurso do sujeito aqui em foco. Ao trazer à baila o termo õbichaõ, o sujeito aponta para a questão da subjetividade coletiva. Como destacado nas considerações teóricas, a natureza do discurso é social, é histórica e é ideológica e, como é o sujeito que materializa o discurso, ele também é social, histórico e ideológico. Tendo isso posto, temos a confirmação de que mesmo buscando se singularizar, se individualizar, a subjetividade do sujeito aponta para o coletivo. A subjetividade do sujeito é de natureza histórica, o que indica que tudo aquilo que é dito só é possível em um contexto sócio-histórico-ideológico determinado. O sujeito, quando faz uso da linguagem (discurso), traz implícita ou explicitamente uma coletividade, uma historicidade: o que comprova a questão da heterogeneidade do sujeito.

Dando sequência à análise, focamos uma parte da histórica que nos revela, uma vez mais, a presença do social, do histórico e do ideológico.

Eu queria aquele corpo de homem sambando suado bonito ali na minha frente. Quero você, ele disse. Eu disse quero você também. Mas quero agora já neste instante imediato, ele disse e eu repeti quase ao mesmo tempo também, também eu quero. Sorriu mais largo, uns dentes claros. Passou a mão pela minha barriga. Passei a mão pela barriga dele. Apertou, apertamos. As nossas carnes duras tinham pelos na superfície e músculos sob as peles morenas de sol. Ai-ai, alguém falou em falsete, olha as loucas, e foi embora. Em volta, olhavam. (ABREU, 1982, p. 51).

Nesse trecho, há uma declaração explícita da vontade dos dois sujeitos de estarem juntos. O envolvimento dos dois é tanto que eles agem de uma maneira romântica esquecendo que estão em um lugar público, lugar em que outros sujeitos, com crenças, costumes diferentes também estão presentes. Os dois ignoram os limites impostos socialmente e assim uma reação ocorre. Um sujeito discursivo, que estava presente no mesmo espaço, profere õai-ai, olha as loucasõ. Por meio de tal enunciação, vislumbramos que tal sujeito significa a homossexualidade de uma maneira pejorativa, negativa, preconceituosa. O sujeito reprova o que está vendo, pois para ele os dois sujeitos que se tocavam não passavam de õloucasõ. A identidade do homossexual é construída por meio do preconceito. Aqui o sujeito busca destacar as fronteiras, a separação e a classificação entre a identidade homossexual e a heterossexual. Ao materializar õai-ai, olha as loucasõ, o sujeito aponta para sua inscrição no social, para o lugar de onde fala. õAi-ai, olha as loucasõ não pode ser analisada isoladamente,

uma vez que o social nela se faz presente. Essa voz representa a homossexualidade de uma maneira que vários outros sujeitos também representam, ou seja, estamos diante de uma representação social da homossexualidade e não de uma representação de um único sujeito. A enunciação da expressão aqui em foco faz parte de uma coletividade, assim como a constatação de que os sujeitos que estavam ali presentes olhavam para o casal. ÕEm volta, olhavamõ traz também a questão do social, do histórico e do ideológico. Tanto o sujeito que materializa õai-ai, olha as loucasõ quanto os sujeitos que õem volta, olhavamõ estão sendo afetados pela sua diferença, por aquilo que não são. A questão da homossexualidade afeta e constitui tais sujeitos.

O sujeito discursivo continua relatando a história e nos conta que os outros sujeitos, que estavam presentes, começaram a empurrá-los e a dizer, em uma voz uníssona, õai-ai, olha as loucasõ e õveadosõ. A condenação da relação fez com que os dois saíssem do local da festa de Carnaval e se dirigissem para a praia. Os dois sujeitos saíram do espaço fechado em que estavam, não por vontade própria, mas pela necessidade. A diferença está afetando os sujeitos envolvidos: tanto o casal homossexual quanto todos os outros sujeitos presentes que gritavam e empurravam os condenados estão sendo afetados pela sua diferença, por aquilo que não são. Percebemos, tomando como base o arcabouço teórico apresentado, que espaços sócio-histórico-ideológicos são marcados por diferenças, contradições; há tensão, embate, o que aponta para a dimensão conflituosa vivida pelo sujeito na sua constante e infinda constituição.

Já na praia, os dois, se sentindo mais à vontade, começam a se tocar, se acariciar, se envolverem fisicamente. O sujeito discursivo, relator da maior parte da história, profere várias enunciações que apontam para a problemática da sexualidade. Por meio da análise desse sujeito, assim como em momento anterior, somos levados à seguinte conclusão: a busca de se tirar rótulos, de se questionar classificações em relação à sexualidade. ÕNossa sexualidade é produto de condições históricas específicas, que o sentido de gênero é principalmente construído, e não determinado biologicamenteõ (SPENCER, 1999, p. 10). Quando o sujeito enfatiza, em seu discurso, a questão do desejo do ser humano indiferente do gênero, ele está problematizando a questão da sexualidade, está questionando modelos postos socialmente, está tentando mexer em padrões impostos, está õquebrandoõ os binarismos existentes.

Percebemos que a sexualidade é, assim como a questão do modelo de conduta, das normas sociais, produto de condições históricas específicas, construto social. O sujeito discursivo está tentando desconstruir a visão preconceituosa acerca da homossexualidade e, ao tentar fazê-lo, traz a natureza coletiva, social de sua subjetividade e também traz a sua

heterogeneidade: o sujeito está se debatendo contra questões postas socialmente, contra vozes existentes na História, ou seja, sua subjetividade aponta para uma coletividade. E o sujeito, estando no embate contra aquilo que ele considera não ser, mostra-se afetado pela sua diferença.

Dando sequência à análise, transcrevemos os acontecimentos finais, relatados pelo sujeito discursivo, para em seguida fecharmos nossa breve reflexão.

Mas vieram vindo, então, e eram muitos. Foge, gritei, estendendo o braço. Minha mão agarrou um espaço vazio. O pontapé nas costas fez com que me levantasse. Ele ficou no chão. Estavam todos em volta. Ai-ai, gritavam, olha as loucas. Olhando para baixo, vi os olhos dele muito abertos e sem nenhuma culpa entre as outras caras dos homens. A boca molhada afundando no meio duma massa escura, o brilho de um dente caído na areia. Quis tomá-lo pela mão, protegê-lo com meu corpo, mas sem querer estava sozinho e nu correndo pela areia molhada, os outros todos em volta, muito próximos. Fechando os olhos então, como um filme contra as pálpebras, eu conseguia ver três imagens se sobrepondo. Primeiro o corpo suado dele, sambando, vindo em minha direção. Depois as Plêiades, feito uma raquete de tênis suspensa no céu lá em cima. E finalmente a queda lenta de um figo muito maduro, até esborrachar-se contra o chão em mil pedaços sangrentos. (ABREU, 1982, p. 53).

Por meio dessa passagem, visualizamos de uma maneira muito nítida a oposição colocada entre os dois sujeitos homossexuais e todos os outros que violentamente agiram contra eles. Constatamos que todos estão sendo afetados pela sua diferença: o que aponta para a heterogeneidade do sujeito. O sujeito discursivo, ao proferir que não havia culpa nos olhos do seu amado, traz a questão da culpa para o seu discurso. Culpa de quê? Implicitamente podemos detectar que a culpa estaria relacionada à sua sexualidade. A culpa que poderia ter sido sentida pelo sujeito é construto social. Ao materializar em seu discurso a questão da culpa, o sujeito discursivo é afetado pela sua diferença. Em relação ao ato de violência cometido por vários sujeitos, temos também a constatação de que estão sendo afetados pela diferença e que a subjetividade deles aponta para uma coletividade: a violência aconteceu devido à sexualidade dos dois sujeitos, devido à intolerância diante da diferença. Os sujeitos, mesmo tentando delimitar fronteiras nítidas entre heterossexuais e homossexuais, são afetados e constituídos por aquilo que consideram não ser, ou seja, eles são afetados pela diferença.

Neste momento analítico, somos remetidos às considerações de Silva (2003) acerca das oposições binárias existentes no meio social. No espaço discursivo em questão, temos uma relação dicotômica referente à sexualidade: de um lado a heterossexualidade e de outro a

homossexualidade. Os sujeitos que proferem ãai-ai, olha as loucasö, õveadosö e que agem violentamente contra o casal homossexual buscam fortificar o binarismo, a separação entre os dois tipos de sexualidade. Já o sujeito discursivo que relata a história e também seu amado problematizam as separações, as dicotomias postas socialmente em relação à sexualidade. Há embate, conflito relacionado à sexualidade e que nos faz perceber que o social, o histórico, o ideológico e o inconsciente constituem os sujeitos e as identidades. As dicotomias existem, estão postas, mas não são estanques, pois elas se afetam e se constituem.

Finalizamos nossa breve proposta de análise constatando que o sujeito imerso na trama histórica é heterogêneo e que a questão da diferença afeta e constitui tanto os sujeitos quanto suas identidades.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Damos início às considerações finais deste artigo, destacando que os resultados alcançados são frutos de uma maneira, dentre inúmeras, de abordar e de interpretar tanto os postulados que deram suporte para a realização da pesquisa quanto o *corpus* que buscamos analisar. Interpretar é õleitura de vestígios que exibem a rede de discursos que envolvem os sentidos, que leva a outros textos, que estão sempre à procura de suas fontes, em suas citações, em suas glosas, em seus comentáriosö (GREGOLIN, 2000a, p. 61). Estamos cientes dos limites da nossa pesquisa, pois interpretamos, mas sabemos que ela pode acrescentar algo para seus possíveis leitores, podendo, assim, gerar outras pesquisas, outras leituras, outras interpretações.

Levando em consideração os discursos abordados, percebemos que os objetivos de evidenciar que o sujeito traz em si a heterogeneidade, que a subjetividade do sujeito aponta para o social e que os sujeitos são afetados pela sua diferença foram alcançados.

Crucial mencionar que ao alcançarmos tais objetivos, trazemos a importância da História para se analisar discursos. O sujeito, que é incompleto e dividido, que não é fonte do seu discurso, que materializa seu dizer por meio de elementos que o contradizem, que o afetam e que indicam o seu infinito processo de constituição, encontra-se imerso na trama histórica. E é na trama histórica que o sujeito encontra uma infinita quantidade de discursos que, consciente ou inconscientemente, o constitui. A História é o elemento-chave para que possamos perceber que o sujeito é heterogêneo, que o sujeito vive em um constante embate, conflito em relação à sua identidade e em relação a toda e qualquer questão social. A

subjetividade do sujeito aponta para o coletivo por causa da História. A diferença afeta o sujeito devido tanto ao inconsciente quanto à História. Estamos diante da complexidade trazida por ideias vindas de diferentes campos do conhecimento. A articulação entre Linguística, História e Psicanálise nos dá a possibilidade de analisarmos um objeto que traz, em sua natureza, a contradição, o movimento, a agitação e o deslocamento: o discurso. E como postula Orlandi (1999, p. 15) o discurso é, assim, palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando: o que é bastante revelador e instigante.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. *Morangos Mofados*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 152 p.

AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: AUTHIER-REVUZ. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, pp.11-80.

BAKHITN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 421 p.

CARVALHO, Gilmar de. Alteridade e Paixão. *Revista CULT*. Dossiê. Editora 17, Ano VI, n. 66, fev./2003, pp. 32-39.

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005. 117 p.

FOUCAULT, Michel. Sobre a Arqueologia das Ciências. Resposta ao Círculo de Epistemologia. In: \_\_\_\_\_. *Ditos e Escritos II*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000, pp. 72-118.

\_\_\_\_\_. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. e RABINOW, P. *Michel Foucault: uma trajetória. Para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995a, pp. 231-249.

\_\_\_\_\_. *A Arqueologia do Saber*. São Paulo: Forense Universitária, 1995b. 238 p.

\_\_\_\_\_. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1990. 407 p.

GREGOLIN, Maria do Rosário. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos & duelos*. São Carlos: Claraluz, 2004. 220 p.

\_\_\_\_\_. Sentido, Sujeito e Memória: com o que sonha nossa vã autoria? In: \_\_\_\_\_. *Análise do Discurso: as materialidades do sentido*. São Carlos: Claraluz, 2000a, pp. 60-78.

\_\_\_\_\_. Recitações de Mitos: a História na lente da mídia. In: \_\_\_\_ (org.). *Filigranas do Discurso: as vozes da História*. São Paulo: Cultura Acadêmica / Araraquara: Laboratório Editorial, 2000b, pp. 19-34.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2003, pp. 103-133.

INDURSKY, Freda. A Fragmentação do sujeito em Análise do Discurso. In: \_\_\_\_\_. *Discurso, Memória e Identidade*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000, pp. 70-81.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise do discurso ó princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990. 68 p.

REVEL, Judith. *Foucault: conceitos essenciais*. São Carlos: Claraluz, 2005. 96 p.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2003. pp. 73-102.

SPENCER, Colin. *Homossexualidade: uma história*. Tradução de Rubem Mauro Machado. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999. 417 p.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2003, pp. 7-72.

Recebido em 09/03/2014.

Aceito em 22/04/2014.